



RELAÇÃO ENTRE A CONSERVAÇÃO DO AMBIENTE E A INCIDÊNCIA DE DOENÇAS EM PEQUIZEIROS NO NORTE DE MINAS GERAIS

Ana Beatriz Silva - Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Departamento de Engenharia Florestal, Montes Claros, MG. Cliciana Hollanda Cavalcanti de Sá - Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Departamento de Engenharia Florestal, Montes Claros, MG. kikahollanda@gmail.com;

Bruna de Carvalho Roldão – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Departamento de Engenharia Florestal, Montes Claros, MG. Nilza de Lima Pereira Sales - Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Departamento de Engenharia Florestal, Montes Claros, MG.

INTRODUÇÃO

O Pequi (*Caryocar brasiliensis*), também conhecido por piqui, pequiá, amêndoa do Brasil dentre outros nomes; é nativo em toda a extensão de cerrado brasileiro, nos Estados de Minas Gerais, Pará, Distrito Federal, São Paulo, Mato Grosso, Goiás, Paraná, Ceará, Piauí e Maranhão (LIMA, 2007). Sua madeira tem utilização na fabricação de móveis e na construção civil (ALMEIDA *et al.*, 1998). Além do seu consumo pelas várias espécies de fauna do cerrado brasileiro, sua polpa é utilizada na fabricação de cremes e cosméticos (ANJOS, 2002). Por se tratar de um fruto de fácil produção e com características desejáveis em relação ao sabor e valor nutritivo, o pequi pode representar uma fonte potencial na alimentação e sobrevivência de uma parcela da população brasileira (Ribeiro, 2000). Quatro doenças já foram relatadas em pequizeiro (Silva *et al.*, 1994), dentre elas o mal-do-cipó causado pelos fungos *Cerotelium giacomatii* e *Phomopsis* sp. Os sintomas, em mudas, são caracterizados por alongamento das mudas, lesões e deformações nos ramos tenros e nas folhas mais jovens, levando à seca ou interrupção do crescimento. Já nos adultos pode causar o escurecimento total ou parcial das folhas levando ao seu secamento e conseqüentemente a sua morte. Outra doença, recentemente detectada, em janeiro de 2000, conhecida como antracnose, é causada pelo agente *Colletotrichum acutatum*. Ela se manifesta através do aparecimento de lesões irregulares, de coloração marrom-escura nos folíolos. Desde 2006, tais doenças têm sido constatadas no norte de Minas Gerais causando sintomas no campo, pomares e em viveiros e, levando à morte indivíduos jovens e adultos (Silva *et al.*, 2006a,b, Sales, 2007, Leite *et al.* 2012), tornando-se uma ameaça séria à espécie, conseqüência, provavelmente, de estar se tornando uma monocultura. É uma espécie protegida por lei, porém, hoje é encontrada sozinha em grandes áreas de pastagens na região e, pela sua exploração predatória, coletando-se todos os frutos, não existe regeneração natural para assegurar novas populações. A identificação de ameaças bióticas e a caracterização da sua ação sobre o pequizeiro deverá nortear as propostas de manejo e conservação da espécie.

OBJETIVOS

O objetivo do presente estudo foi avaliar se o nível de conservação de áreas no cerrado afeta a incidência de doenças no pequizeiro e se existe relação entre a fase fenológica e a presença de sintomas.

MATERIAL E MÉTODOS

Caracterização do local O estudo foi realizado na região conhecida como região do Planalto, distante 27,7km da cidade de Montes Claros – MG, em áreas onde havia uma significativa presença de pequizeiros. Foram utilizadas duas áreas de Cerrado *sensu strictu*, uma original e outra em processo de regeneração, que, anteriormente era

utilizada como área de pastagem. Amostragem Foram realizadas visitas periódicas de 30 em 30 dias, durante 12 meses na área em estudo. Trinta indivíduos foram amostrados, sendo quinze na área de Cerrado original e quinze na área de Cerrado em regeneração. Todas as árvores do estudo foram georreferenciadas para facilitar sua posterior localização. Características avaliadas Foram avaliadas à incidência da doença (presença ou ausência) e os aspectos fenológicos da espécie (brotação foliar, idade das folhas, floração e idade dos frutos).

RESULTADOS

Foram constatados sintomas das doenças (antracnose e mal-do-cipó) em todos os indivíduos avaliados, independente do nível de conservação da área (natural ou em regeneração). Após o período de avaliação observou-se que nos meses de julho a outubro e fevereiro a abril as plantas encontravam-se em período de re-enfoltamento, possuindo folhas novas em alguns indivíduos e, folhas novas e maduras, em processo de senescência, em outros indivíduos. De dezembro a janeiro as árvores possuíam frutos tanto verdes quanto maduros. Já nos meses restantes as folhas encontravam-se todas em senescência. Os sintomas aparecem cerca de trinta dias após a emissão de folhas novas e são detectadas também nos ramos (estiolamento e seca no formato de cipó) e nos pecíolos e nervuras das folhas. Durante toda a fase do ciclo de vida do hospedeiro, podem ser detectados os sintomas das doenças.

DISCUSSÃO

Nas áreas em estudo o nível de conservação, original ou em regeneração, não teve relação com a incidência da doença. Com relação à fenologia da planta observou-se que os brotos foliares e as folhas jovens não apresentavam sintomas, mas que com o amadurecimento adquiriam características da doença. Santos (2010) afirmou que doenças em espécies florestais geram perdas no desenvolvimento da planta, redução das populações naturais, perda da área fotossintética e diminuição da qualidade da madeira. Já Bradley *et al.* (2008) afirma que doenças favorecem o aumento da diversidade em comunidades naturais, selecionando naturalmente, indivíduos mais resistentes. É necessário conhecer a dinâmica da doença, para promover ações de manejo e evitar a extinção da espécie (FRY,1982).

CONCLUSÃO

Dessa forma concluiu-se que não houve correlação entre o nível de conservação das áreas e a incidência das doenças. Com relação ao nível fenológico das plantas mostrou-se que os mesmos estavam diretamente ligados a ocorrência da doença.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, S. P.; PROENÇA, C. E. B.; SANO, S. M.; RIBEIRO, J. F. Cerrado: espécies vegetais úteis. Planaltina: Embrapa-CPAC, 1998. 464 p.

ANJOS, J.R.N., CHARCHAR, M.J.A., GOMES, A.C., Antracnose em pequi. Embrapa cerrados, Planaltina – DF, 2002, p. 2-14.

ANJOS, J.R.N., CHARCHAR, M.J.A., GOMES, A.C., Ocorrência de antracnose causada por *colletotrichum acutatum* em Pequi no Distrito Federal, Fitopatol. bras. 27(1), jan - fev 2002.

BRADLEY, D.J.; GILBERT, G.S.; MARTINY, J.B.H. 2008. Pathogens promote plant diversity through a compensatory response. *Ecology Letters*, 11: 461–469. FRY, W., 1982. Principles of plant disease management. Orlando, Academic Press, 378p.

LIMA, de A., SILVA, A.M.O. e., TRINDADE, R.A., TORRES, R.P., FILHO, J.M. Composição química e compostos bioativos presentes na polpa e na amêndoa do pequi (*Caryocar brasiliense*, camb.). *Rev. Bras. Frutic.*,

Jaboticabal - SP, v. 29, n. 3, p. 695-698, Dezembro 2007.

SANTOS, I.J, de., NETO, R.A.C., Doenças em espécies florestais nativas da Amazônia. FAPEAM, Manaus – AM, 2010.

Agradecimento

(À FAPEMIG pela oportunidade de atuação na pesquisa científica, ao ICA pelo incentivo a pesquisa.)